
Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto:

1. A placa de xisto gravada (medieval?) da Alcáçova de Santarém

VICTOR S. GONÇALVES*

R E S U M O

Publica-se uma placa de xisto gravada proveniente da encosta Oeste da Alcáçova de Santarém, sem contexto, mas provavelmente medieval. O seu aspecto geral, em forma de torre de fortificação e sem qualquer referencial antropomórfico, ao contrário das placas de xisto gravadas de fins do quarto e da primeira metade do terceiro milénio, tornam este exemplar, até agora único, um caso particularmente interessante. A ausência de sinais de uso na perfuração para suspensão tornam admissível, mas não certo, tratar-se de um artefacto votivo.

A B S T R A C T

The schist plaque of the Alcáçova de Santarém, probably medieval (Islamic or Christian, who knows?) is a unique example of this kind of representation. The author doesn't believe in any proximity of meaning with the prehistoric schist plaques, based on the engravings and general shape (that evokes a tower of a medieval fortification) but it's interesting to underline the absence of schist in many miles around this place.

1. Nótula prévia

No rescaldo do primeiro choque das «novas» arqueologias, tornou-se de bom-tom, em Portugal, não publicar artefactos isolados. E não me refiro, para já, especificamente, às seis ânforas, aos quatro fragmentos de *sigillata*, aos três machados, que compõem, vertidos para artigos de revista, *curricula* de terrível magreza de conteúdo, mas de garantida obesidade numérica.

Quanto a mim, invocando, como sempre, o bom senso, penso que o que se pode extrair de um monumento ou sítio mal publicado chega a ser incomparavelmente inferior a uma conta de colar ou ponta de seta em fase de acabamento, ao betilo da Lezíria ou...à placa de Santarém. Mas também me pergunto se não estamos a ser excessivamente rigorosos na avaliação de uma realidade indesmentível: sempre se publicou um pouco de tudo e de muitas maneiras. Porque não continuar a fazê-lo, sempre que pensarmos, em consciência, não se justificar o silêncio sobre um artefacto isolado, um monumento acabado de descobrir (e cuja destruição, como no caso de muitas antas

alentejanas, pode não durar um década, ou mesmo um ano)? E, se abrimos uma excepção por todos consentida para uma lápide epigráfica, ou para um menir, não deveríamos ser menos fundamentalistas do que por vezes somos?

Publiquei assim, sem remorsos, betilos de calcário do Algarve (1980), um artefacto de pedra polida de grandes dimensões, proveniente de Almodôvar (1983-1984), dois betilos recolhidos na Parede (1990, 1995, 2003), ainda que no primeiro caso tivesse ido mais longe, ao arrancar a discussão em torno aos artefactos votivos de calcário, e no último incluísse os betilos na polémica questão do Grupo da Parede.

Mas pequenos artefactos perdidos (muito provavelmente no sentido literal da expressão) ou provenientes de contextos desconhecidos, ou achados que, pela sua natureza, se podem por si só isolar num conjunto, nada perdem em ser publicados, quanto mais não seja para servirem de referência ou comparação para trabalhos posteriores, que os iluminem de outra luz.

Não tenho muito para publicar, nesta perspectiva, mas não vejo porque tardar a fazê-lo.



Fig. 1 A localização de Santarém no território hoje português (cortesia do Projecto PALCAS, da UNIARQ).

2. A Alcáçova de Santarém

A Alcáçova de Santarém é objecto de um plano sistemático de escavação e publicação dirigido por Ana Margarida Arruda, na UNIARQ (Arruda, 1984, 1986, 1987, 1993, 1999-2000, 2002, 2003; Arruda e Almeida, 1988, 2001; Arruda e Catarino, 1982; Arruda e Sousa, 2003; Arruda e Viegas, 1999, 2000, 2002a, 2002b, 2002c, 2002d, 2003, 2004; Arruda, Viegas e Bargão, 2005; Viegas, 2002; Viegas e Arruda, 1999).

A ocupação antrópica daquele espaço remonta, segundo os dados actuais, à Idade do Bronze. Segue-se uma ocupação da Idade do Ferro, marcada por evidentes contactos com o Mediterrâneo Oriental, particularmente com o mundo fenício, corredor sírio-palestiniano. A presença romana inicia-se no período republicano, com a fundação por César de um acampamento militar. No período imperial, é colónia e sede de *conventus*, o *Conventus Scallabitanus*, um dos três da Lusitânia. A ocupação islâmica está bem documentada a partir do século X, nomeadamente através de um importante complexo de ensilagem. A reconquista ocorre, por D. Afonso Henriques, em 1147.

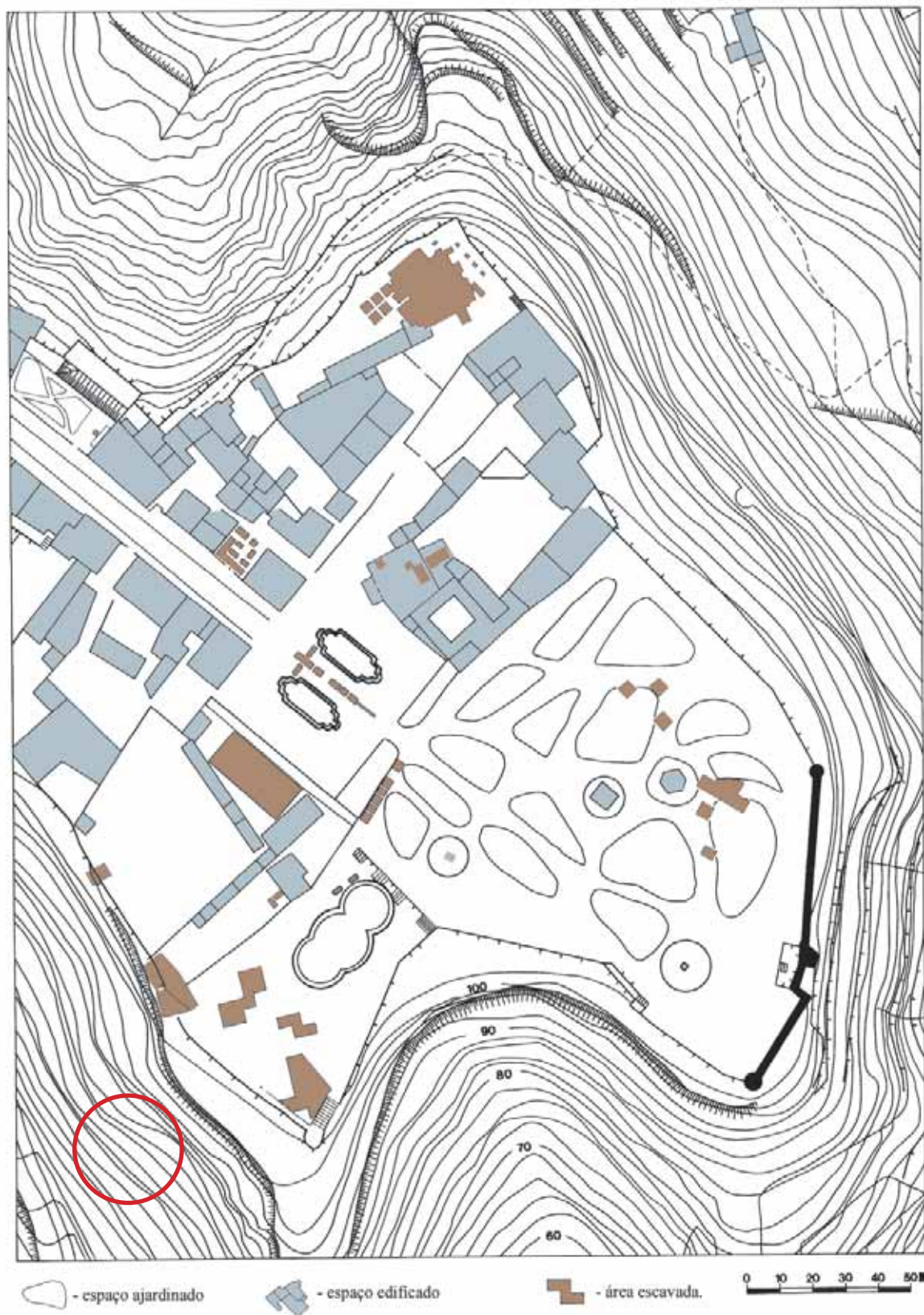


Fig. 2 Planta da Alcáçova de Santarém (cortesia do Projecto PALCAS, da UNIARQ), com indicação da proveniência provável do artefacto.

3. A placa de xisto gravada da Alcáçova de Santarém

3.1 O achado

Em fins de uma das primeiras grandes Campanhas de escavação na Alcáçova de Santarém, um dos trabalhadores contratados ofereceu a Ana Margarida Arruda uma placa decorada que encontrara na vertente sudoeste da Alcáçova, na sequência de escorregamentos de terras provocados pelas chuvas de Inverno.

3.2 Dimensões e descrição

A placa, de xisto, é rectangulóide, vertical, e tem as seguintes dimensões e peso:

Altura máxima (topo direito da face): 15,6 cm.

Altura mínima (topo esquerdo da face): 15,3 cm.

Largura no topo: 4,59 cm.

Largura a meia altura: 4,55 cm.

Largura na base: 4,88 cm.

Espessura no topo: 0,8 cm.

Espessura num ponto central: 0,61 cm.

Espessura na base: 0,76 cm.

A única perfuração para suspensão, quase bem centrada, tem na face um diâmetro de 0,51 e no verso 0,47 cm. O seu traçado parece cilíndrico, mas pode ser considerado bitroncocónico, uma vez que resulta de uma dupla perfuração bem executada e com o negativo regularizado.

Peso: 132,37 g.

A sua descrição segue-se na sequência da determinação da face e do verso em função da complexidade da decoração:

- Face

Uma faixa horizontal, ligeiramente oblíqua, subindo da esquerda para a direita, com uma altura ao centro de 0,9 cm, definida por dois traços duplos. No interior, uma faixa horizontal vazia, centrada, cria dois campos para a decoração de filas de triângulos vazios à esquerda e triângulos duplos vazios, à direita, todos com os vértices para cima na faixa de cima e para baixo, na de baixo, o que sugere filas de losangos.

Em baixo, uma banda tipo legenda de brasão, com rectângulos vazios ou preenchidos com um X, cortados por uma linha horizontal que se repete no espaço interno vazio, à direita.

- Verso

No topo, uma faixa com altura ao meio de 1,2 cm, com um rabisco à esquerda da perfuração (em função do observador) e um quadriculado irregular à direita, com um X de braços desiguais colado ao exterior.

Em baixo, uma banda quadriculada contendo 12 casas na horizontal e quatro na vertical, num total de 48 casas. As dimensões da banda são 3,18 x 0,8 cm.

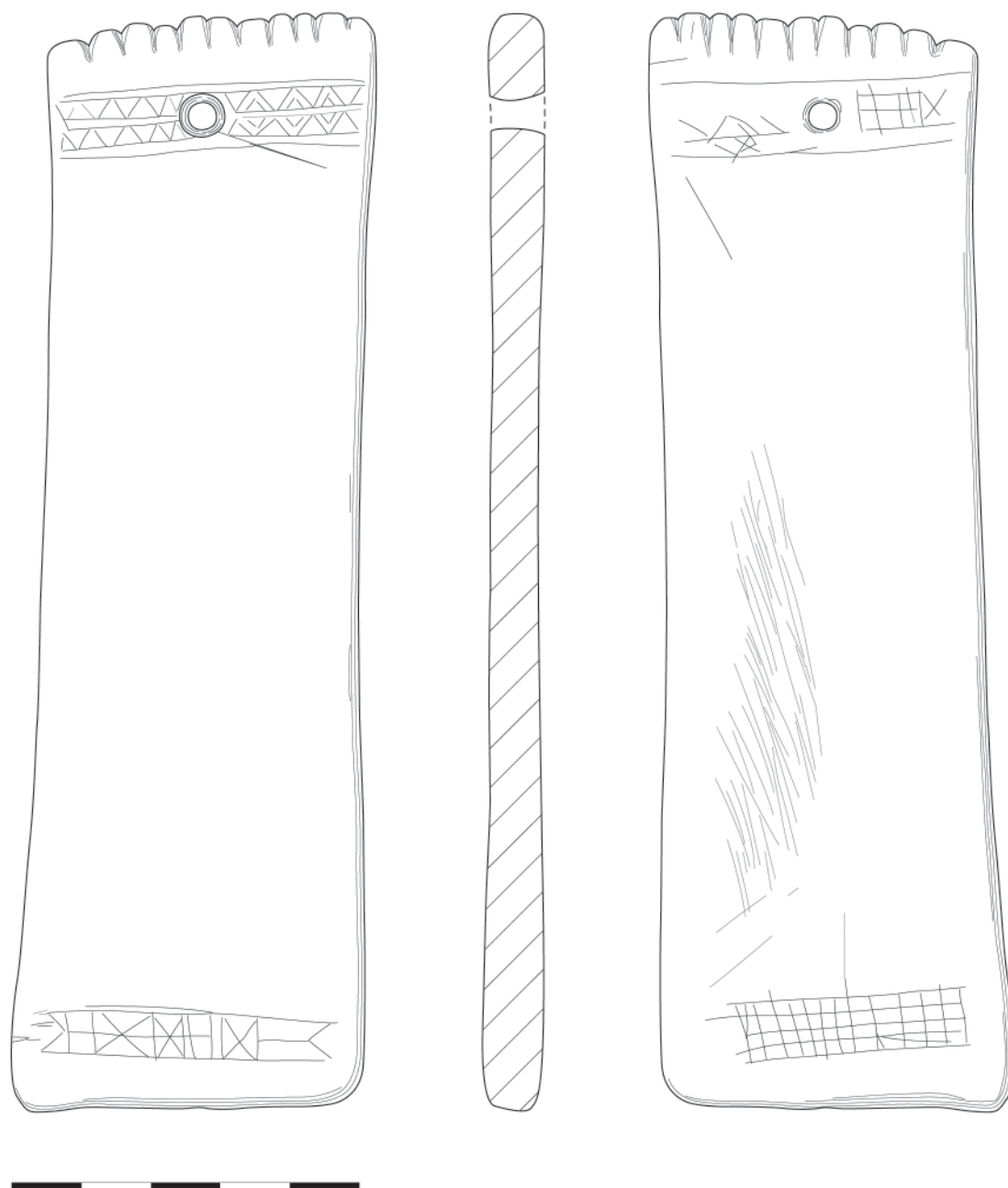


Fig. 3 As duas faces e o corte longitudinal da placa de xisto gravada da Alcáçova de Santarém.



Figs. 4-5 As duas faces da placa de xisto gravada da Alcáçova de Santarém (foto VSG, tal como as seguintes).



Fig. 6 Detalhe do topo da face A da placa de xisto gravada.

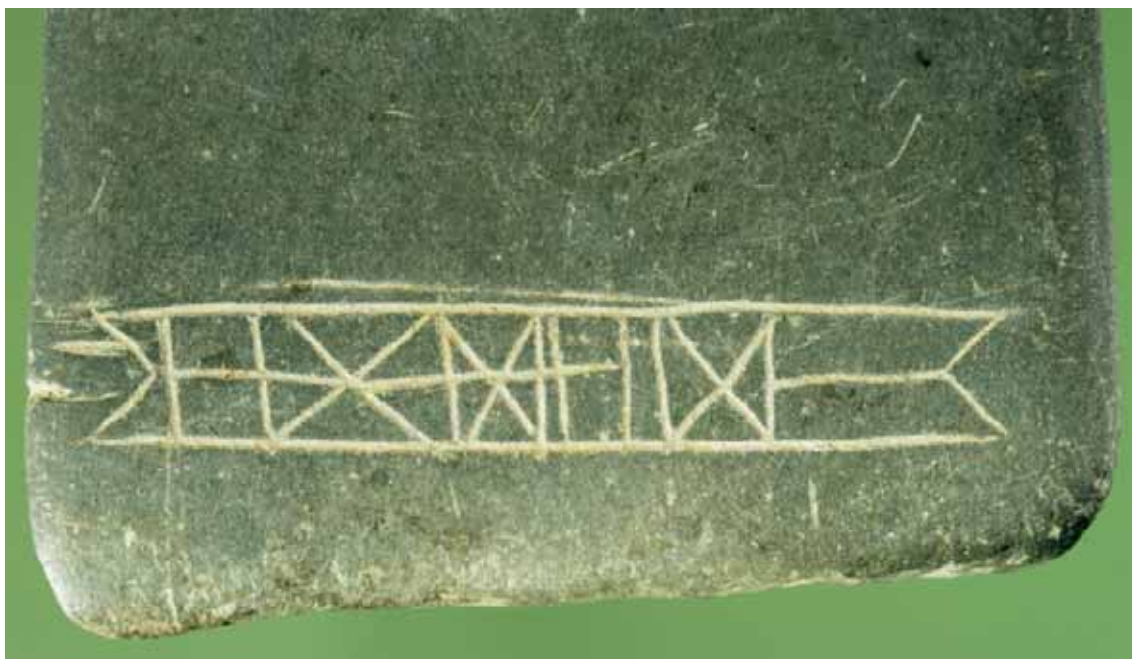


Fig. 7 Detalhe da base da face A da placa de xisto gravada.



Fig. 8 Detalhe do topo da face B da placa de xisto gravada.



Fig. 9 Motivo da base da face B da placa de xisto gravada.

A meio da placa, área com riscos finos, oblíquos, resultantes com toda a probabilidade de fenómenos pós-depositivos, que nada tem que ver com a placa original.

- Face e Verso

Topo com recorte boleado obtido por 10 incisões fundas (a décima um pouco menos), que são perpendiculares ao bordo de topo.

3.3. Comentário geral e observações finais

Esta placa, de interpretação geral ainda mais difícil por não sabermos se provém de um con-

texto funerário ou habitacional, foi feita de xisto de qualidade, cuidadosamente polido. Há uma suave diminuição da espessura e um ligeiro estrangulamento na parte central, fácil de ler ao verificar as espessuras do topo, da área mesial e da base (0,80, 0,61, 0,76 cm), bem como as respectivas larguras (4,59, 4,55, 4,88 cm).

O mais interessante pode, no entanto, não residir apenas na decoração, mas na própria forma da placa e no desenho do seu topo, onde fundas incisões vão do topo da face até ao topo do verso, produzindo um efeito conhecido nas cerâmicas com bordo denteado do Neolítico final e do Calcolítico da Península de Lisboa. Só que, neste caso, como se exercem não sobre uma superfície circular (como nas cerâmicas), mas sobre uma superfície rectilínea, parecem definir ameias de uma torre (exactamente 11 «ameias»). Isto e os motivos decorativos do topo da placa dão-lhe um claro aspecto arquitectónico, tal como se tratasse da representação da torre de uma fortificação. Ao contrário das placas de xisto gravadas pré-históricas, não existe aqui qualquer referencial, implícito ou explícito, que possa ser considerado antropomórfico (Gonçalves, 2004). No bordo do lado esquerdo da face, há ainda alguns sulcos horizontais que se não repetem no bordo oposto e para os quais não há interpretação.

Três observações finais são ainda possíveis:

1. a placa é feita de xisto, uma matéria-prima inexistente nos arredores de Santarém. Portanto, tal como acontece com as placas de xisto gravadas de fins do 4.º e primeira metade do 3.º milénio, ou foi trazida já feita ou a matéria-prima foi importada e trabalhada localmente. Nenhum elemento permite, hoje, escolher uma das alternativas;
2. a placa tem uma decoração que recorda modelos estilísticos alto-medievais, mas nada de suficientemente explícito para ser considerada esta classificação como indubitável;
3. não apresentando a perfuração qualquer vestígio de uso, e à imagem das placas de xisto gravadas pré-históricas, poderíamos aceitar o carácter votivo ou ideotécnico do artefacto. Mas, se realmente se tratar de um artefacto alto-medieval, vê-se mal esta situação sem uma simbologia cristã específica ou a sinalética do Islão. Poderia, é certo, tratar-se então de uma peça para adorno pessoal não utilizada ou (muito) pouco utilizada, mas tal, sendo possível, não me parece fazer sentido.

Evidentemente que poderíamos tentar «ver» para além do «visível», e referir essa estranha persistência da memória que faz com que um artefacto apareça, agora com sentidos diferentes, centenas ou milhares de anos após a sua primeira emergência. O que permitiria evocar as placas de xisto gravadas que, 3500 anos antes, eram conhecidas e usadas em espaços funerários das antigas sociedades camponesas, não longe de Santarém. Mas parece-me tão grande o salto que estaria, à partida, destinado ao fracasso.

Resta-nos assim registar em desenho e fotografia a placa de xisto gravada da encosta Oeste da Alcáçova de Santarém, esperando que, em outras situações, seja possível compreendê-la no seu contexto de origem, aqui perdido.

Lisboa, Outono de 2005

NOTAS

- * Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
Faculdade de Letras, P-1600-214 LISBOA.
vsg@fl.ul.pt.
O Autor agradece a Marco Andrade (Projecto «PLACA NOSTRA»)
o desenho da placa. Fotografias do Autor.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. M. (1984) - Alcáçova de Santarém. Relatório dos trabalhos arqueológicos de 1984. *Clio-Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 217-223.
- ARRUDA, A. M. (1986) - Alcáçova de Santarém. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 8, p. 75-77.
- ARRUDA, A. M. (1987) - Alcáçova de Santarém: a Idade do Ferro. In *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: IPPC, p. 53-54.
- ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais (Actas do Encontro «Os fenícios no território português»)*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 4, p. 193-214.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000) - *Los Fenicios en Portugal*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos da Arqueología Mediterránea; 5-6).
- ARRUDA, A. M. (2002) - A Alcáçova de Santarém e os fenícios no estuário do Tejo. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Santarém: Câmara Municipal, p. 29-35.
- ARRUDA, A. M. (2003) - A Idade do Ferro no Baixo Vale do Tejo. In *O homem e o trabalho: a magia da mão*. Coruche: Câmara Municipal, p. 47-50.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (1988) - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém. *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 201-231.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (2001) - Importação e consumo de vinho bético na colónia romana de Scallabis (Santarém, Portugal). In *Congresso Internacional Ex Baeticae Amphorae: conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano, Actas, vol. II*. Écija: Gráficas Sol, p. 703-716.
- ARRUDA, A. M.; CATARINO, H. (1982) - Cerâmicas da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém. *Clio*. Lisboa. 4, p. 35-40.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2003) - A cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 236-286.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (1999) - The Roman temple of Scallabis (Santarém, Portugal). *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 185-224.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2000) - A Roman temple in Scallabis (Santarém, Portugal): architecture and historical context. In DOCTER, R. F.; MOORMANN, E. M., eds. - *Proceedings of the XVth International Congress of Classical Archaeology, Amsterdam 1998*. Amsterdam: Allard Pierson Museum, p. 58-60.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2002a) - A Alcáçova. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Santarém: Câmara Municipal, p. 73-81.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2002b) - O templo romano de Scallabis. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Santarém: Câmara Municipal, p. 173-178.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2002c) - A cerâmica de engobe vermelho pompeiano da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 221-238.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2002d) - Scallabis: religião e culto no dealbar do I milénio. In *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2003) - Vinte anos de arqueologia na Alcáçova de Santarém: balanço de resultados e perspectivas de futuro. In *Actas do Encontro Associativismo e Património. 25 anos da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém*. Santarém: Fundação Passos Canavarro - Arte, Ciência e Democracia, p. 187-205.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2004) - Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém. In *Actes Congrès de Vallauris de la Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule*. Marseille: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 341-349.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2005) - As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 279-297.
- GONÇALVES, V. S. (1980) - Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4-5, p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1983-1984) - Artefacto de pedra polida de grandes dimensões proveniente de Almodóvar (Beja). *Clio-Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 197-199.
- GONÇALVES, V. S. (1990) - Sítios, «Horizontes» e Artefactos: o caso da Parede (Cascais, Lisboa). *Arquivo de Cascais*. Cascais. 9, p. 13-44.
- GONÇALVES, V. S. (1995) - Sítios, «Horizontes» e Artefactos. *Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal.

- GONÇALVES, V. S. (2003) - *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas. (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal)*. Cascais: Câmara Municipal [2ª Edição, corrigida e aumentada com dois novos ensaios, do volume de 1995].
- GONÇALVES, V. S. (2004) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 165-183.
- VIEGAS, C. (2002) - *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém: cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 26).
- VIEGAS, C.; ARRUDA, A. M. (1999) - Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 105-186.